

Maria José Lins Viana

Nasci aos 50 anos

A luta de uma mulher para viver
e realizar os seus sonhos



Nasci aos 50 anos

A luta de uma mulher para viver
e realizar os seus sonhos

Maria José Lins Viana

Nasci aos 50 anos

A luta de uma mulher para viver
e realizar os seus sonhos



Rio de Janeiro
2020



A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem nela contido, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Nasci aos 50 anos : a luta de uma mulher para viver e realizar os seus sonhos

Copyright © 2020, *Maria José Lins Viana*

Todos os direitos são reservados no Brasil.

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 – sala 1110
Centro – Rio de Janeiro – 20060-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Capa e Diagramação:

Pod Editora

Impressão e Acabamento:

Pod Editora

Revisão:

Letícia Rio Branco

Foto capa:

acervo da autora

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

**Catálogo Na Publicação
Sindicato Nacional Dos Editores De Livros, Rj**

V668n

Viana, Maria José Lins
Nasci aos 50 anos : a luta de uma mulher para viver e realizar os seus sonhos /Maria José Lins Viana. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Pod, 2020.
200 p. ; 21 cm.

Inclui índice

ISBN 978-65-86147-29-2

1. Viana, Maria José Lins. 2. Mulheres - Brasil - Biografia. I. Título.

20-64692

CDD: 920.72

CDU: 929-055.2

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

10/06/2020

Homenageio meu irmão Lourival,
Lorena e Bela por terem me acolhi-
do em suas casas tornando possível,
assim, a realização desse trabalho.

É preciso saber viver todas as fases da vida. É preciso mais oportunidade para isso.

Sumário

Sobre a Autora.....	11
Sobre minha linda, querida e guerreira mãe.....	16
Meus empreendimentos	19
Minha irmã Carmélia.....	31
Minha amiga Tiane	36
Meu primeiro namorado	52
Minha amiga Carlinha	61
Meu irmão Josivaldo	64
Minha irmã Carminha	67
Meu cunhado João	77
Meu irmão Valdir.....	80
Minha irmã Jeruza.....	84
Futebolhaçada.....	88
Minha amiga Dany	91
Minha irmã Luciene.....	93
Minha irmã Laura	95
Minha irmã Mila.....	97
Meu irmão Tande.....	99
Meu irmão Lourival	102
Minha irmã Lígia	104
Meus queridos sobrinhos.....	106
Minha amiga Lucinha	108
Bichos que gosto	115
Nem pir bull, nem yorkshire.....	119
Minha amiga Margarete	123
Três amigas ocultas	125
Minha amiga Jusara.....	127
Minha amiga Glaucia	130
Meu primeiro amor.....	132
Meu segundo amor.....	137
Meu terceiro amor.....	141
Sonho de luz	151
Diálogo com Nossa Senhora.....	154
Alguns dos poemas e músicas	155
Intuição - Pressentimento	183
Pena de morte e eutanásia.....	185
Minhas viagens.....	188
O bafafá da casa	192
Desfecho	196

Sobre a Autora

Nasci aos 50anos.

E agora?

Preciso aprender a falar, me comunicar, me relacionar. Não conheço muitos lugares. Preciso aprender a andar, escrever melhor, adquirir o hábito de ler...

Nesse momento, tem algo interferindo no meu raciocínio, tirando a atenção e o foco do que quero escrever, mas vamos continuar.

Minha mãe falou que teve 23 filhos e um aborto espontâneo. Meus irmãos falam que ela teve 24 filhos.

Atualmente, tenho dez irmãos. Eu me lembro de pouca coisa de quando éramos crianças, mas uma delas é que a casa da minha mãe estava sempre cheia, inclusive de alguns sobrinhos que minha querida mãe criava como se fossem filhos.

A data do meu nascimento foi 05 de setembro de 1966.

Nasci no estado do Paraná, mais precisamente na fazenda cachoeira. Porém, no meu registro de nascimento consta a informação de que eu nasci em Iepê - São Paulo.

Nunca fui muito ligada em ficar marcando data de nada. Sei qual foi o mês que comecei namorar com Nego, porque coincidiu com o mês do meu aniversário. Acho que herdei isso da minha mãe. Ela chegou a colocar algumas informações erradas no registro de nascimento de alguns filhos, também por ter deixado para registrar muitos ao mesmo tempo. Inclusive, trocou informações sobre o local de nascimento.

Sinto muito pela perda dos meus pais.

Meu pai se chamava Francisco Ernesto Viana e partiu em 15 de janeiro de 1981. Minha mãe se chamava Maria Ferreira Lins Viana e partiu em 8 de agosto de 2006.

Meu pai foi um homem muito bonito. Media 1,70 cm,

era moreno claro. Adorava usar um bigodinho lindo, que ficava muito bem nele. Tinha os cabelos meio liso e meio enrolado, aliás, pouco enrolado.

As minhas características físicas vêm mais da genética do meu pai do que da minha mãe. O meu cabelo meio encaracolado e meu rostinho pequeno, por exemplo, vem do meu pai. Eu sempre o achei lindo. Ele tinha um charme todo dele e todo especial. Seus olhos eram castanhos, assim como os meus.

Não me lembro se o olhar do meu pai dizia algo além do que ele via, pois não tinha o hábito de olhar nos olhos de ninguém.

Não sei muito bem por que, mas eu era muito mais tímida e retraída do que ainda sou.

Infelizmente meu pai era alcoólatra, mas quando ele estava lúcido, era centrado e dócil, muito dócil, e até brincalhão. Ele gostava de fazer cócegas no meu sobrinho Glaucio, que morava com a gente, e puxava o saco da Carmélia, minha irmã caçula. Talvez porque minha mãe a corrigia, ele ficava com peninha dela.

Não critico minha mãe, pois acho que os pais devem agir de forma a educar os filhos.

Meu pai querido! Eu o amava muito!

Às vezes ele chegava em casa na pontinha do pé, já meio tarde da noite e ia para a cozinha quietinho preparar alguma coisa para comer.

Lembro que meu pai, apesar de beber, não era chato nem briguento, mas como ele gastava muito com bebidas, minha mãe às vezes levantava da cama para pegar algum dinheiro dele para comprar coisas necessárias para os filhos, visto que a família era grande e as despesas altas.

Não julgo minha mãe por isso, apesar de às vezes ter acontecido alguns desentendimentos, e até mesmo brigas. Não deixava de ser traumático quando isso acontecia, pois nenhum filho quer presenciar brigas com seus pais. Às vezes, tínhamos que nos envolver para amenizar a situação. Era mãe, não! Pai, não! Um

chororô pra cá! Um chororô pra lá! Mas logo tudo se acalmava.

Minha mãe sempre conseguia pegar algum dinheiro para ajudar nas despesas da casa.

Meu pai querido! Eu o amava muito!

Apesar do alcoolismo, ele sempre demonstrou carinho com os filhos.

Sempre me dava moedas. Lembro que, quando ele partiu, eu chorava desesperadamente e falava: E agora? Quem vai me dar moedas?

Eu sofri muito com a perda do meu pai. Não só pelo fato de não tê-lo mais e de não ter mais as moedas vindo pelas mãos dele, mas também por lembrar de uma vez que o desrespeitei porque o via bêbado. Isso o desmoralizava, me fazendo achar que ele não merecia o devido respeito.

Não me lembro exatamente o que aconteceu, mas uma vez eu o respondi de forma grosseira merecendo mesmo um corretivo, que ele não me deu porque fui passar o dia na casa da minha irmã. Quando voltei, ele estava mais calmo e não falou nenhuma palavra sequer comigo sobre o assunto.

Me arrependi do que fiz e, graças a Deus, fiz isso somente uma vez, o que para mim já foi demais porque a dor que eu sentia quando me lembrava disso era grande.

Sinto que nesse momento algo interfere no meu raciocínio, atenção e maneira de como quero escrever este fato. Por isso, vou tentar escrever de forma diferente algumas coisas que já escrevi anteriormente.

Meu pai, apesar de ter sido alcoólatra, não ficava desempregado, e nesse dia ele estava em casa e perguntou algo que eu não me lembro agora. Só sei que eu o respondi de forma inapropriada e ele ficou tiririca falando algo como: “Espera aí moleca, que eu te pego agora!”.

Eu fiquei apavorada naquele momento. Não sabia se ria ou se chorava, mas me veio também um medo e eu saí correndo

para a casa da minha irmã. Passei o dia lá esperando que meu pai se acalmasse e funcionou. Quando voltei para casa já era quase noite, e meu lindo pai não falou uma palavra sequer comigo sobre a malcriação que fiz.

Meu pai querido! Eu o amava muito!

Ele jamais encostou um dedo em mim. Talvez por isso, quando o perdi, eu tenha sofrido tanto quando me lembrava do fato mencionado acima.

Vou tentar transformar alguns dramas em comédia, ou escrever de forma menos traumática.

Uma vez meu pai chegou em casa cedo do dia, com um sol daqueles que esturricava o couro cabeludo.

Ele chegou como sempre, na pontinha do pé. Foi até a cozinha, mas dessa vez não queria preparar algo para comer.

Ninguém o viu quando entrou, mas acho que ele já deveria ter tomado pelo menos uma dose de cachaça, pois apesar de não ter cara de pau, nesse dia ele teve e com ela tirou o bujão de gás que estava instalado no fogão, saindo com ele nos ombros sem se dar conta do que estava fazendo.

Quando minha mãe percebeu, ele já estava saindo no portão. Então, ela gritou: “Maria, minha fia, Chico está saindo com o bujão nos ombros. Ele deve estar querendo vender para comprar cachaça com o dinheiro. Vamos correndo atrás dele e pegar o bujão para trazer de volta pra casa. Vamos, minha fia! Vem comigo, corre!”.

Então eu e minha mãe saímos correndo atrás do meu pai para pegar o bujão de gás. Quando saímos no portão, o meu querido e lindo pai lá ia, já longe, no final da rua correndo com o bujão de gás nos ombros.

Minha mãe falava: “Corre, minha fia! Vamos correndo atrás de seu pai, se não a gente não consegue pegar o bujão de volta! Corre, corre Maria!” E eu corria, corria. Só faltava cair de tão rápido que ia. Minha mãe, já um pouco cansada, corria também,

mas vinha menos rápido atrás de mim e gritando: “Chico, seu cachorro, não é pra vender o bujão de gás não! Pare aí, seu filho da puta! Me dá esse bujão de volta, ele é pra fazer comida para seus filhos”.

Meu pai nem dava ouvidos para minha mãe e corria, corria também, e bem mais rápido do que eu e minha mãe. Tão mais rápido que não demorou muito sumir das nossas vistas, até porque ele entrava em uma esquina e saía em outra rua, dificultando a perseguição.

Quando eu e minha mãe o perdemos de vista, começamos a chorar juntas e voltamos para casa, consolando uma a outra.

Não me lembro como, mas minha guerreira mãe conseguiu outro bujão de gás para cozinhar.

Depois que tudo passa, a gente consegue rir do acontecido. Aliás, alegria de pobre é rir da “desgraça” depois que ela passa. E ainda tem mais...

Ave Maria cheia de Graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre Jesus.

Santa Maria mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte amém.

Não sei porque, mas não me lembro de fatos vivenciados com meu pai. Só sei que, apesar de ele ter sido alcoólatra e de algumas adversidades, sempre foi uma pessoa maravilhosa e que sempre vou amar.

Sobre minha linda, querida e guerreira mãe

Ela era paraibana. Uma nordestina daquelas. Mulher macho, sim senhor. Eu acho que não porque ela tenha ido em busca disso, pois acho que nenhuma mulher quer esse título para si mesma. Pelo menos eu, particularmente, não gostaria de provar que sou valente, que faço e aconteço, que dou conta do recado como se fosse um homem. Acho que as mulheres nesse sentido são mais frágeis e é bom que seja assim.

Minha mãe teve que tomar a frente de tudo na casa dela, mas acho que fez isso porque foi necessário, devido ao problema de alcoolismo do meu querido pai. Por ele ter essa dependência, minha guerreira mãe criou quase que sozinha os filhos, e ainda alguns netos. Meu pai ajudava, mas não era o suficiente, visto que ganhava pouco e tirava uma parte do dinheiro para gastar com bebidas.

Minha mãe viajou por alguns estados brasileiros procurando melhora de vida. Morou primeiro na Paraíba onde nasceu, se casou e teve os primeiros filhos. Mudou para São Paulo, depois Paraná e, por último, chegou a Brasília, onde resolveu parar com sua peregrinação, fixando residência primeiro na cidade satélite de Taguatinga, e após em Ceilândia, onde moramos por quase 40 anos em um lote que foi regularizado pelo GDF.

Antes de minha mãe chegar a Brasília, ela trabalhou na colheita de café, algodão, amendoim e soja. No DF resolveu trabalhar no comércio.

Teve filhos em todos os estados por onde passou.

Os mais velhos nasceram na Paraíba, em seguida veio os que nasceram em São Paulo, após os do estado do Paraná e, por último, os de Brasília.

Meu pai era gêmeo. Por isso, minha mãe tinha uma possibilidade maior de ter filhos gêmeos também, tanto que teve duas gravidezes de gêmeos e uma de trigêmeas. Inclusive minha irmã caçula, a Carmélia, é trigêmea. Pena que restou só ela, e dos gêmeos não restaram nenhum.

Como minha mãe trabalhava na roça, ela tinha os seus filhos na maioria das vezes em casa mesmo, com a ajuda de parteiras.

Isso aconteceu mais nas primeiras gravidezes.

Eu, por exemplo, nasci em casa. Ela falava que choveu nesse dia e que nós corremos alguns riscos devido a uma parte do telhado ter voado. Mas, depois, ficou tudo bem. Eu estou aqui. Pena que minha mãe querida não continua comigo. Sinto muita falta dela, apesar de seguir superando essa perda.

Gostaria de ver na minha mente imagens da minha mãe trabalhando na colheita de café, algodão, soja.... Ela falava que chegava a trabalhar com um enorme barrigão, até bem perto da hora do parto.

Sempre achei lindo uma família grande como a da minha mãe. Sonhei por vários momentos da minha vida em ter para mim uma família grande como a dela, mas queria ter melhores condições financeiras para isso.

Comecei trabalhar muito cedo. Com 8 anos de idade. Minha mãe me levava para trabalhar com ela. A gente vendia folhas como: alface, couve, cheiro verde, cebolinha... nas ruas, batendo de porta em porta.

Houve uma época em que minha mãe resolveu abrir um verdurão na casa onde morávamos. Começamos a vender verduras e frutas dessa forma. O que melhorou bastante, pois não tínhamos mais que sair para vender.

Após esse fato, não me lembro o que aconteceu, mas minha

mãe fechou o verdurão e passou a vender queijos em frente a um supermercado movimentado, onde vários outros camelôs se aglomeravam. Tal aglomeração de pessoas para vender diversos tipos de coisas chamou a atenção dos governantes, fazendo-os pensar que seria necessário um local apropriado para que esses camelôs trabalhassem. Daí, então, surgiu a feira central de Ceilândia, mais ou menos no início da década de 80, onde ficaram reunidos em boxes comerciais e individuais todos os camelôs que trabalhavam em frente àquele movimentado supermercado.

Minha mãe foi contemplada para trabalhar no box 352 dessa feira, que até hoje funciona no mesmo local. Tendo sido feitas algumas reformas nos boxes, possibilitando, assim, um melhor atendimento ao público.

Pena que, de alguns anos para cá, o movimento caiu. Ainda não parei para pensar no real motivo disso, mas creio que a crise financeira e econômica que o Brasil e o povo brasileiro vêm passando já há alguns anos tem contribuído para isso.

Sempre trabalhei com minha mãe nessa feira, e alguns outros irmãos também.



Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

212236-0844

www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

2020